

O Boletim de Conjuntura (BOCA) publica ensaios, artigos de revisão, artigos teóricos e empíricos, resenhas e vídeos relacionados às temáticas de políticas públicas.

O periódico tem como escopo a publicação de trabalhos inéditos e originais, nacionais ou internacionais que versem sobre Políticas Públicas, resultantes de pesquisas científicas e reflexões teóricas e empíricas.

Esta revista oferece acesso livre imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona maior democratização mundial do conhecimento.



BOLETIM DE CONJUNTURA

BOCA

Ano III | Volume 7 | Nº 20 | Boa Vista | 2021

<http://www.ioles.com.br/boca>

ISSN: 2675-1488

<https://doi.org/10.5281/zenodo.5148526>



O NEGACIONISMO CIENTÍFICO REFLETIDO NA PANDEMIA DA COVID-19

Ronualdo Marques¹

Jerry Adriano Raimundo²

Resumo

Este ensaio versa sobre o negacionismo científico diante do contexto da pandemia de Covid-19, apontam-se as *fake news*, o testemunho falso e o discurso de ódio como potencializador para a descredibilidade da ciência e o estímulo para o fortalecimento de movimentos em torno da cultura da pós-verdade como fundamento para propagação, disseminação de (des)informações acerca do novo coronavírus.

Palavras chave: Covid-19. *Fake News*. Negacionismo Científico.

Abstract

This essay deals with the scientific denialism in the context of the Covid-19 pandemic, pointing out the fake news, the false testimony and the hate speech as potential to give discredit to science and the stimulus to the strengthening of movements around the culture of post-truth as a basis for propagation, dissemination of (mis)information about the new coronavirus.

Keywords: Covid-19. Fake News. Science Denialism.

O negacionismo científico cresceu significativamente nos últimos anos e tem se caracterizado como um fenômeno cada vez mais frequente de devaneio e acriticidade, o qual é propagado vertiginosamente pelas diversas redes sociais com o efeito de distorção dos fundamentos teóricos e dados científicos oriundos de anos de produção e pesquisa científica.

Nota-se, na gestão da pandemia pelo novo coronavírus da Síndrome Respiratória Aguda Grave, SARS-CoV-2 (SENHORAS, 2021), especialmente no Brasil, o aumento de *fake news*, motivado por grupos identitários que acreditam naquilo que disseminam e os que investem para além de suas convicções, utilizam perfis falsos nas redes sociais (*Twitter, Facebook, Whatsapp, etc.*) entre outros meios de camuflar a sua identidade conhecidos como robôs, *fakes, bots etc.*, que agem de forma tendenciosa e com apoio ideológico contrário às afirmativas da ciência. Encontram motivação, também, em apoiadores e seguidores de líderes que procuram caminhos alternativos e duvidosos para contrariar as medidas e orientações tidas como resposta para contribuir com a prevenção e minimização dos impactos da pandemia via isolamento e distanciamento social ou ainda de *lockdown* (RECUERO, 2021).

¹Professor da Educação Básica. Doutorando em Educação no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Paraná (UFPR). E-mail para contato: ronualdo.marques@gmail.com

² Professor do Ensino Fundamental. Doutorando em Educação no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Paraná (UFPR). E-mail para contato: prof_jerry@hotmail.com



Além destas, pode-se observar outros fatos nesse período de pandemia que se espalha pelas redes sociais e também por conversas informais no dia a dia com pessoas próximas a estes, as quais fomentam conspirações para o tratamento precoce aumentando os índices de automedicação contra a Covid-19 sem eficácia ou sem evidências científicas e, recentemente, sobre a produção, garantia e efeito das vacinas para a imunização.

Dessa forma, o discurso negacionista questiona o valor histórico do conhecimento científico, dos argumentos racionais e da experiência adquirida ao longo dos anos, ao defender a ideia de que todas as opiniões têm o mesmo valor. Nesse sentido, vale-se de versões discursivas fragmentadas e anacrônicas para alavancar o antagonismo a fim de explicar qualquer fato, seja social ou natural, como tendo igual poder explicativo, pondo o senso comum, na maioria das vezes, como argumento de igual valor para contradizer o conhecimento científico.

Esse movimento cresceu significativamente com as especulações sobre a pandemia da Doença do Coronavírus 2019 - Covid-19 (MARANHÃO; SENHORAS, 2020). Observou-se que o uso da mentira, como estratégia sistemática, teve como referência o presidente Jair Bolsonaro (RECUERO, 2021) que, através de *lives* em suas redes sociais, utilizou de modo ativo e militante a internet para fomentar o negacionismo científico e criar conspirações sobre a origem do coronavírus (CNN BRASIL, 2021), a cura da Covid-19 (BARBOSA; ARREGUY; MAIA, 2021), a instauração do comunismo ou de uma nova ordem mundial (HERDY, 2020), a alterações genéticas (YAMAGUTI, 2020), introdução de microchips de espionagem através da vacina (DOMINGOS, 2021), movimento antivacina (DIAS, 2020), entre tantas outras que se propagou amplamente pela população potencializando uma forma de pseudociência sobre a pandemia da Covid-19.

Nesse ínterim, pode-se apontar uma possível dicotomia da internet, pois além de contribuir com a divulgação da ciência e a democratização da informação, também favorece a propagação do negacionismo científico reunindo e recrutando informações fragmentadamente subvertidas.

Devido à ampliação da conexão da internet e das múltiplas mídias/redes sociais que se servem dela, tem-se possibilitado que novas ferramentas tecnológicas levem estudos, notícias, experiências a qualquer hora e em qualquer lugar para um número significativo de sujeitos. Entretanto, com todo esse conectivismo “a circulação das informações na internet é multiplicada exponencialmente” (PIMENTEL, 2018, p. 126). Contudo, com toda essa massificação e rotatividade de informações não é possível apagar as fronteiras entre fatos e opiniões, entre argumentos informados e especulação gananciosa.

O negacionismo científico é um movimento antigo como, por exemplo, foi o caso de Copérnico ou de Galileu Galilei, cientistas que foram forçados a falsear as suas próprias conclusões científicas naturais por causa da contradição doutrinal impelida pelo poder da igreja, na medievalidade



(BLACKBURN, 1997). Mais recentemente, na metade do século XX, já surgia grupos que questionava à ciência tentando driblar o senso crítico sobre o senso comum e o alerta entre os vínculos entre o ato de fumar e o câncer (MCINTYRE, 2018; WILBER, 2018).

Dessa forma, o negacionismo científico tinha uma estratégia articulada para fortalecer a poderosa indústria do tabaco para garantir a sobrevivência do seu capital. A estratégia utilizada pelos empresários e grupos industriais do tabaco foi a de começar “a financiar cientistas para dizerem que não era totalmente certo que o fumo causava câncer (porque, claro, não poderiam provar o contrário) e a disseminar a ideia de que qualquer debate sobre o tema, em universidades, escolas ou na mídia, deveria apresentar os dois “lados” da questão, isto é, o dos que têm certeza de que causa câncer, e dos que dizem que talvez cause” Araujo (2021). Essa dicotomia conduziu à ideia de que havia vertentes diferentes entre grupos que estão vinculados à ciência e a divulgá-la a fim de trazer benefícios sociais e informar a população, “isso foi suficiente para semear a dúvida e garantir a continuidade dos negócios” (ARAUJO, 2021, p. 5).

Após essa estratégia ter funcionado nas décadas seguintes, estratégias semelhantes foram criadas por grupos e líderes empresariais, industriais e políticos para promover ideias errôneas acerca do aquecimento global, vacinas como propagadoras de doenças e, mais recentemente, vemos movimentos se fortalecendo sobre o discurso de que a Terra é plana, doutrinação marxista, instauração do comunismo, distribuição de kit gay nas escolas, entre outros (LADEIRA, 2020).

Nota-se que o desenvolvimento do negacionismo científico não é espontâneo, senão parte de uma contradição sistemática que serve a algum tipo de manutenção de poder.

No contexto da pandemia, o negacionismo científico foi conduzido principalmente por líderes políticos e religiosos que minimizam a gravidade da doença, não seguem os protocolos de segurança reconhecidos internacionalmente, compartilham sistematicamente desinformações, incentivam aglomerações, receitam o uso de medicação sem nenhuma comprovação científica fortalecendo o hábito de automedicação, e ainda, “se omitem no desenvolvimento de Políticas Públicas, deliberadamente ou por inépcia, permitindo o esgotamento do Sistema Único de Saúde que é referência mundial para a saúde” (SANTOS, 2020, p. 6).

O âmago da argumentação do negacionismo científico cria um movimento especializado para fortalecer a *fake science* com argumentos que coloca a população em dúvida sobre as questões apontadas por estes, ou seja, toda vez que a ciência descobre uma verdade que desagrada ou contraria determinados grupos (país, empresa, religião, etc.), esse grupo mobiliza esforços para desacreditar e invalidar a ciência e, inclusive, se fortalece e engrandece com a confluência e união de outros movimentos negacionistas que passam a se articular como uma frente de oposição a legítima ciência.



Estes grupos e lideranças que burlam e negam a ciência se avigoram com a disseminação de *fake news* e se beneficiam do fenômeno conhecido como *clickbait*s, “os caçadores de cliques” (APARICI; GARCÍA-MARÍN, 2019), grupos que percebem o potencial de visibilidade da produção de conteúdo negacionista e *fake news* e o fazem justamente para obterem visualizações e, com isso, acabam obtendo recursos econômicos e financiamento de líderes que querem a todo custo transformar uma mentira em verdade.

O sensacionalismo se repercute pela grande popularidade que conteúdos enganosos podem alcançar, mas nos tempos atuais essa dimensão se soma ao alto grau de sofisticação no uso desse recurso e seu vínculo com interesses políticos, econômicos ou religiosos que contribuem reafirmando e potencializando as informações para causar estado de pânico entre seus seguidores.

Cabe ressaltar que as *fake news* são produzidas e disseminadas em larga escala com o propósito de manutenção de uma ideologia que sustenta um poder – com hábito de mentir, de enganar, de distorcer ou esconder a verdade. Essa produção de falsidades tem como meta ser apreendida como notícia verdadeiramente produzida a partir de alguma ciência. Assim, as *fakes news* são parte duma estratégia de subversão de discursos científicos e midiáticos que se propagam como notícias veladas e verdadeiras em determinado meio de difusão.

As *fake news* têm o valor de verdade em determinados meios, pois há uma identificação entre estes sujeitos, responsáveis pela produção das *fake news*, que circunscreve um conjunto de ideias para sustentar a sua cosmovisão. A sustentação dessa cosmovisão implica recursos escusos da retórica, principalmente a subversão da estrutura das afirmativas jornalísticas e científicas e, ainda, a simplificação do conhecimento historicamente desenvolvido.

Dessa maneira, o conhecimento se torna palatável ao gosto popular que recebe as *fake News* e que não encontra necessidade de questionar (chegar) a validade do que recebe; isso porque encontra legitimidade na “fácil racionalidade” própria desta informação e, principalmente, por atender a expectativa de sua cosmovisão. O processo de identificação do sujeito com a informação que recebe positiva as suas reflexões e legitima a sua ação de replicar o que recebeu – sem se aperceber que está distribuindo informações falsas.

A produção das *fake news* é uma ação astuta de manutenção de uma ideologia de poder, mas a reprodução massiva dessas mensagens pela população corresponde ao efeito da alienação, porque a alienação “é a etapa da consciência em que esta não chega a conceituar por si e para si as ideias que possui [...]”, portanto, “o homem alienado, não podendo ser produtor, limita-se a ser depredador” (VIEIRA PINTO, 1985, p. 51) da cultura científica historicamente construída.



Decerto que uma notícia expressamente falsa não ganharia espaço na racionalidade da população, por isso é que frequentemente as *fake news* apelam para “especialistas”, cientistas, professores, políticos, alguns falsos, outros com fala distorcida (BARBOSA, 2019), para angariar autenticidade ao que criam.

A subversão ou distorção de fatos, os enquadramentos favoráveis a um grupo ou desfavoráveis a outro, o silêncio sobre fatos desabonadores de seus financiadores, o ato de escutar apenas um lado da questão por ter mais afinidade com determinado grupo, a mistura de opinião em conteúdo informativo, o desarranjo do sentido lógico de proposições, a modificação das estruturas da informação oposta a sua cosmovisão para invalidá-las e a simplificação de informações que demanda profundidade de compreensão são algumas das várias estratégias para moldar ou distorcer a realidade conforme determinados interesses. A novidade trazida pelas *fake news*, na pandemia, a qual recentemente denominam *infodemia*, termo que se refere a:

um grande aumento no volume de informações associadas a um assunto específico, que podem se multiplicar exponencialmente em pouco tempo devido a um evento específico, como a pandemia atual. Nessa situação, surgem rumores e desinformação, além da manipulação de informações com intenção duvidosa. Na era da informação, esse fenômeno é amplificado pelas redes sociais e se alastra mais rapidamente, como um vírus (OPAS, 2020; NAEEM; BHATTI, 2020).

Observa-se que a utilização e associação dos termos “informação” e “pandemia” acaba por formar uma deturpação da cultura, produzindo um quadro de informações falsas numa gigantesca abrangência e velocidade para disseminar informações no período em que grande parte da população está em isolamento social e a utilização de recursos tecnológicos se tornou mais frequente. Desse modo, as informações falsas estão mais presentes na vida das pessoas do que as verdadeiras, e assumem muito mais influência na tomada de decisões e na definição das linhas de ação. Assim se constitui uma natureza “pandêmica” dos fenômenos informação falsa, tomados desde a perspectiva de seus efeitos adversos ou disfunções oriundas da sua reprodução como efeito da alienação de sujeitos.

Esse movimento é notável, pois se dá a partir da construção de um relato completamente falso, de uma notícia de um fato que nunca aconteceu, e sua apresentação nos moldes do discurso jornalísticos trazendo a ideia de que a grande mídia escondem os fatos que deveriam ser de conhecimento de todos. Assim, a força das *fake news* reside na incapacidade ou desinteresse das pessoas em diferenciar um tipo de informação de outra, atribuindo o mesmo grau de confiabilidade a conteúdos distintos apenas pela aparência do conteúdo informacional.

Destarte, a *infodemia* como parte estratégica se alastra como forma de um tipo de testemunhal falso, onde tudo está acontecendo paralelo diante os avanços e impactos da pandemia da Covid-19. Ou



seja, a ideia do “testemunhal falso” se propaga como fofoca ou rumor, com grande força de apelo popular com uma sofisticação proporcionada pelos aparatos tecnológicos (filmagens e voz) e se apresentam como pessoas comuns que usam linguagem coloquial, erros gramaticais, filmagens armadoras e que defendem todas essas como uma virtude – o fato de serem simples, cotidianas, “assim como a pessoa que assiste” se torna o critério de legitimidade, de credibilidade, em oposição às forças manipuladoras das instituições do chamado “sistema” provocando maior comoção e aceitação das informações, pondo as pessoas em dúvida, medo, indignação na qual acaba em por em xeque a ciência.

Ao contrário das *fake news*, esse movimento do “testemunhal falso” se constrói em sua maioria na oposição às instituições, na crença de que universidades, escolas, cientistas, veículos jornalísticos, organizações internacionais são todos manipuladores, doutrinadores, agentes conspiratórios, e que, portanto, não merecem credibilidade.

Com forte apelo popular, estes utilizam a força do relato, o grau de emoção do autor ou apresentador, e a importância dos fatos apresentados (normalmente secretos, porque estão sendo escondidos justamente pelas instituições que são responsáveis pela divulgação da ciência ou pelos canais jornalísticos) agregam força narrativa e discursiva a partir desse mecanismo ou modalidade informativa.

A disseminação das *fake news* e do testemunho falso acarreta ou inflama um terceiro elemento que é o discurso de ódio e de ira que pode ocasionar situações agressivas entre grupos. Diferente das *fake news* e do testemunho falso, o discurso de ódio não busca ser factual, ele não tem a intenção de apresentar um fato do mundo. Antes, ele diz de intenções, desejos, necessidades e medos de determinado sujeito ou grupo de sujeitos – por exemplo, de que imigrantes voltem para os países deles como vimos no caso da Venezuela recentemente, dos médicos cubanos que participaram do acordo internacional via ministério da saúde pelo programa “mais médicos” em que tivemos ajuda internacional de Cuba ao sistema único de saúde do Brasil, de que o feminismo desapareça, de que determinado grupo político seja exterminado (FUKUYAMA, 2019; GREIFENEDER *et al.*, 2021).

Dessa forma, a intenção do discurso de ódio é complementar aos dois primeiros mobilizando os seus adeptos e congregados para agirem passionalmente. Mais especificamente, com determinadas emoções (medo, ressentimento, ódio) de forma a proporcionar reações de agressividade, sobretudo em relação à discordância. Ao passo que a identificação da pessoa com a informação gera amistosidade, a discordância gera o ódio contra àquela informação que não se compreende, podendo conduzir a atitude agressiva contra quem aponta uma lógica contrária à sua cosmovisão.

Nessa instância não há caminhos para o diálogo ou o debate de ideias, o outro deixa de ser visto apenas como um adversário, portador de ideias ou pontos de vista distintos, e se configura como um



inimigo a ser eliminado, e todo o objetivo dos espaços informacionais passa a ser vencer o outro para prevalecer os fatores oriundos do negacionismo científico em detrimento de qualquer outra informação que contrariem a sua ideologia. Neste caso, os fatos mencionados podem ser verdadeiros ou não, a intenção é colocar as pessoas em estado de guerra predispondo as pessoas a deixarem de lado a busca da verdade em prol do objetivo mais urgente de vencer a qualquer preço.

Nesse sentido, uma das estratégias mais bem-sucedidas foi o sequestro das ideias pós-modernas sobre a verdade, em que em seu cerne está o questionamento da ideia de existência de uma verdade absoluta, única, ou seja, não existiria uma resposta absolutamente correta sobre o que cada elemento da realidade significa. A denúncia de que qualquer declaração de verdade absoluta seria um ato autoritário, porque se configura como ideológica, acabou sendo uma crítica sequestrada por movimentos políticos para dizer que tudo seria ideológico e, portanto, não haveria “verdade”, apenas “fatos alternativos” (KAKUTANI, 2019), configurando-se um grupo que se fundamenta na ideia do que chamam de pós-verdade e que se caracteriza num imaginário contemporâneo no qual a desconsideração ou desprezo pela verdade é naturalizada, estimulada, exaltada, como um valor ou uma virtude, tendo como estímulo a valorização de ideias preconceituosas, a seleção apenas daquilo que é confortável.

Destarte, a pós-verdade é um fenômeno que se produz na confluência de três condições, sendo a primeira a ampla disseminação de informações completamente falsas com suporte tecnológico que permite alcances inimagináveis na era da fofoca e dos rumores; a segunda é a possibilidade de checagem dos dados, em que muitas pessoas podem, em poucos segundos checar a veracidade das informações recebidas por elas em qualquer meio; a terceira é o fato das pessoas não checarem, aceitando como verdade, se apropriando destas e, ainda, repassando sem confirmar a veracidade. É esse desinteresse e a falta de senso crítico como forma de desdém pela verdade, que marca aquilo que vem sendo identificado como uma “cultura da pós-verdade” (WILBER, 2018). Nesse contexto, a expressão cultura designa justamente um conjunto de valores, de naturalizações, de estímulos a um determinado comportamento.

Para Dunker (2017, p. 38), o fenômeno da pós-verdade envolve uma “combinação calculada de observações corretas, interpretações plausíveis e fontes confiáveis em uma mistura que é, no conjunto, absolutamente falsa e interesseira”. Na perspectiva do autor, o conceito de pós-verdade, que consiste na revitalização da verdade, na banalização da objetividade dos dados e na supremacia do discurso emotivo, constitui um neologismo cada vez mais usado na compreensão de fenômenos relacionados à percepção de mundo e às novas circularidades de informações/opiniões.

A era da pós-verdade se dá com a quebra da confiança, considerada como mecanismo fundamental de sobrevivência humana, base para o sucesso de qualquer relacionamento humano. A



quebra de confiança nas instituições cria uma tendência à crença em teorias conspiratórias, tendo, assim, um campo favorável para a desinformação (D'ANCONA, 2018).

De acordo com Lewandowsky, Ecker e Cook (2017), o mundo da pós-verdade se consolidou como resultado das mega tendências sociais, como o declínio do capital social, o aumento das desigualdades econômicas, o crescimento das polarizações, o declínio da confiança na ciência e o crescimento gradual da fragmentação da paisagem midiática. Santaella (2019) complementa os autores ao elencar que o panorama se agrava diante das ambivalências registradas nas redes digitais. Esse novo espaço de interação se transformou em um terreno fértil para a proliferação de notícias falsas e/ou falsificadas, que ampliam os riscos da divulgação e do conhecimento científico. No contexto atual, a desinformação é a imagem que mais se assemelha à pós-verdade.

Pinheiro e Brito (2014) desenvolveram uma tipologia para descrever o conceito de desinformação a partir de três variáveis: ausência de informação, informação manipulada e engano proposital. A ausência de informação está associada ao estágio de carência de cultura, total ignorância e precariedade informacional devido ao total desconhecimento de determinado tema. Já a manipulação da informação, segundo os autores, tem relação com o fornecimento de produtos informacionais de baixo nível cultural, cuja consequência direta seria a imbecilização de setores sociais. Nesse caso, a desinformação teria como propósito a alienação da população com o intuito de manter projetos de dominação política, ideológica ou cultural. O engano proposital, por sua vez, assume o formato de informações, que circulam com o propósito de enganar alguém, ou seja, trata-se de um ato deliberado para induzir ao erro.

Ao entender que o negacionismo científico atende a uma ideologia em função da manutenção de poder, apoiamo-nos em Santaella (2018, p. 33) ao afirmar que “quando a confusão e a falta de confiança nas fontes se instalam, as portas ficam abertas para que a desinformação tome o comando”, como acontece em relação ao que é disponibilizado sobre a Covid-19, ressonando no pânico social, paranoias coletivas e embates políticos acalorados sobre o que acreditam ser verdade, buscando assiduamente influenciar as crenças das pessoas, manipulá-las politicamente ou causar confusões em prol de interesses escusos.

Contemplando os grandes veículos de informações, concordamos com Santaella (2019) ao ressaltar os novos modos de publicar e consumir informação e notícias são pouco submetidas às regulações ou padrões editoriais. O sensacionalismo sempre atraiu a atenção por explorar sentimentos, mas a internet levou isso ao extremo, pois tornou-se difícil diferenciar o trágico fatural do trágico fantasiado (SANTAELLA, 2019), a qual vai sendo difundidos por “bolhas digitais” em grupos ideológicos. Santaella (2019, p. 15-16) explica que, no âmbito coletivo, essas “bolhas” manipulam o



usuário à medida que o deixam mal informado, sobretudo, a serviço de interesses políticos escusos. Quando muito arraigada devido à repetição interrupta do mesmo, a unilateralidade de uma visão acaba por gerar crenças fixas, amortecidas por hábitos inflexíveis de pensamento, que dão abrigo à formação de seitas cegas a tudo aquilo que está fora da bolha circundante. Isso acaba por minar qualquer discurso cívico, tornando as pessoas mais vulneráveis a propagandas e manipulações devido à confirmação preconceituosa de suas crenças.

Em um momento conjuntural de subversão da informação é que apreendemos a afirmativa de Santaella (2019) ao alertar que esses filtros criam um campo favorável para a polarização e opiniões mal-informadas. Essas posições podem se tornar cada vez mais radicais. Outro importante autor, que trata da desinformação na era da pós-verdade, Keys (2018), alerta que o verdadeiro perigo da mentira é que se passa a descartar informações legítimas. Dessa forma, ele adverte que a desconfiança pode gerar ainda mais desconfiança, e não uma crítica aprimorada de enganação.

No contexto da pandemia ocasionado pelo novo coronavírus, SARS-CoV-2, temos apreendido o papel da Ciência no enfrentamento de duas pandemias concomitantes: a de Covid-19 e do negacionismo científico tendo como propulsores as *fake news*, testemunho falso, discurso de ódio etc.

Desde o início da pandemia a comunidade científica assumiu a frente, o protagonismo, no combate ao vírus SARS-CoV-2, alertando sobre o contágio, orientando na prevenção da doença, quanto ao uso de máscaras, uso de água, sabão e álcool em gel, *lockdown* e isolamento social, agindo com rapidez em seus laboratórios no sequenciamento do genoma viral, detecção dos sintomas, entendimento da ação do vírus no corpo humano, desenvolvimento de testes de diagnóstico, e, em tempo recorde (menos de um ano), conseguiu desenvolver e produzir vacinas para imunizar a população (SANTOS, 2020), vemos também a angústia e aflição dos profissionais de saúde implorando para as pessoas acatar as orientações dos órgãos gestores de saúde nacional e internacional pois o esgotamento dos leitos, medicamentos era prenúncio para o colapso no sistema de saúde.

Por outro lado, tínhamos a disseminação de informações inverídicas em grupos de *Whatsapp*, canais no *Youtube* e na internet em geral, em que Santos (2020) aponta uma pesquisa na qual mostra que a desinformação e pandemia no Brasil, Itália e Estados Unidos, desenvolvida pela ONG Avaaz, revelou que pelo menos 94% dos brasileiros tiveram acesso a pelo menos uma das notícias falsas sobre o Coronavírus e, destes, 73% acreditaram, total ou parcialmente, nas informações falsas.

Ainda com todas essas informações e outras que virão, a comunidade científica possui o desafio de lidar com o negacionismo científico, onde as crenças pessoais tornaram-se, para alguns indivíduos, superiores às evidências científicas: é o “declínio da verdade”. A opinião e a passionalidade acima do conhecimento é o resultado de perspectivas relativistas e subjetivistas. A negação da ciência (além da



desinformação) talvez seja um dos principais fatores que, no cenário da pandemia, influencie as pessoas a se automedicarem e, assim, correrem riscos com a saúde, uma vez que se cria uma falsa sensação de proteção contra a Covid-19 que, associada à descrença científica, culminando o desrespeito do isolamento social e, conseqüentemente, no crescimento da curva de infectados.

A dúvida, que permanece no seio do conhecimento, tem que ser honestamente reconhecida e representa a sua força transformadora. Mas se for explorada para atender interesses extras científicos, a dúvida constitui um ponto frágil no universo das reivindicações de conhecimento das ciências. O negacionismo – a negação sistemática de fatos históricos e de consensos alcançados pelas ciências – constitui uma das formas contemporâneas de emprego da dúvida contra as afirmações científicas e, principalmente, contra políticas públicas baseadas nestes conhecimentos (DAVID; CORRÊA, 2020).

Assim, se faz necessário a intensificação da alfabetização digital como forma de instaurar hábitos onde os indivíduos adquiram a capacidade de distinguir aquilo que é confiável do que não é a partir de checagem de informações, e ainda, que seja feita “uma reflexão sobre as nossas escolhas pessoais e coletivas e nossas responsabilidades perante as atuais e futuras gerações, visto que existem muitas incertezas e inseguranças causando relutância e divisões (MARQUES; XAVIER, 2018, p. 148) e cobrar do poder público políticas públicas que fiscalize e responsabilize os que utilizam as *fake news* como forma de alienação ou como forma de causar pânico (MARQUES, 2020, p. 46) fomentando a polarização entre cidadãos que usufruem das mesmas políticas públicas de interesse comum.

Ademais, a pandemia trouxe a Ciência para dentro da residência de todos os brasileiros. Tornou-se habitual entrevistas com cientistas na televisão, rádio, jornal e *lives* em mídias e redes sociais. Era necessário explicar a doença, formas de contágio, que não era só uma “gripezinha”, reforçar repetidamente o porquê do uso da máscara, do isolamento social, como funcionavam os testes, as etapas no desenvolvimento de uma vacina e que esta não transformaria ninguém em “jacaré”, tampouco ocasionaria outras conspirações difundidas com fervor por simpatizantes do negacionismo científico.

A ciência historicamente tem trabalhado para o desenvolvimento da humanidade, desde as suas capacidades naturais, sua ampliação na saúde, seu desdobramento tecnológico, sua abrangência na qualidade da formação humana, enfim: a vida. Por outro lado, o trabalho anacrônico do negacionismo científico só tem resultado no inverso.

REFERÊNCIAS

APARICI, R.; GARCÍA-MARÍN, M. (coords). **La posverdad**: una cartografía de los medios, las redes y la política. Barcelona: Gedisa, 2019.



BARBOSA, B; ARREGUY, J; MAIA, D. “Em live, Bolsonaro divulga chás sem eficácia provada contra covid”. **UOL** [27/05/2021]. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br>>. Acesso em: 30/07/2021.

BARBOSA, M. (org). **Pós-verdade e fake news**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

BLACKBURN, S. **Dicionário Oxford de filosofia**. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

CNN BRASIL. “Bolsonaro questiona origem da Covid-19: Ninguém sabe se nasceu em laboratório”. **CNN Brasil** [05/05/2021]. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br>>. Acesso em: 30/07/2021.

D’ANCONA, M. **Pós-verdade: a nova guerra contra os fatos em tempos de fake news**. São Paulo: Faro Editorial, 2018.

DAVID, M. G.; CORRÊA, M. F. “As diversas faces da dúvida – ceticismo, negacionismo e confiança nas ciências”. **Em Construção**, n. 8, 2020.

DIAS, L. C. “Movimento antivacinas ameaça à saúde global”. **Jornal da Unicamp** [21/09/2020]. Disponível em: <<https://www.unicamp.br>>. Acesso em: 30/07/2021.

DOMINGOS, R. “É #FAKE que vacina contra Covid-19 tem chip líquido e inteligência artificial para controle populacional”. **G1** [27/01/2021]. Disponível em: <<https://g1.globo.com>>. Acesso em: 30/07/2021.

DUNKER, C. *et al.* **Ética e pós-verdade**. Porto Alegre: Dublinense, 2017.

FUKUYAMA, F. **Identidad: la demanda de dignidad y las políticas de resentimiento**. Barcelona: Deusto, 2019.

GREIFENEDER, R.; JAFFÉ, M.; NEWMAN, E.; SCHWARZ, N. (eds.). **The psychology of fake news: accepting, sharing, and correcting misinformation**. London: Routledge, 2021.

HERDY, T. “Isolamento é coisa de comunista: os zaps bolsonaristas durante a pandemia”. **Época** [03/04/2020]. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/epoca>>. Acesso em: 30/07/2021.

KAKUTANI, M. **La muerte de la verdad: notas sobre la falsedad en la era Trump**. Barcelona: Galáxia Gutenberg, 2019.

KEYS, R. **A era da pós-verdade: desonestidade e enganação na vida contemporânea**. Petrópolis: Vozes, 2018.

LADEIRA, F. F. “Bolsonarismo e o ‘vírus comunista’”. **Observatório da Imprensa** [22/04/2020]. Disponível em: <<http://www.observatoriodaimprensa.com.br>>. Acesso em: 30/07/2021.

LEWANDOWSKY, S.; ECKER, U. K. H.; COOK, J. “Beyond misinformation: understanding and coping with the “Post-Truth” Era”. **Journal of Applied Research in Memory and Cognition**, vol. 6, n. 4, 2017.

MARANHÃO, R. A.; SENHORAS, E. M. “Orçamento de Guerra no enfrentamento à COVID-19: entre manobras parlamentares e batalhas políticas”. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, vol. 2, n. 6, 2020.



MARQUES, R. “Fake news: Influência na saúde mental frente à pandemia da Covid-19”. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, vol. 3, n. 8, 2020

MARQUES, R.; XAVIER, C. R. “Análise do Senso Crítico em uma Sequência Didática na Educação Ambiental”. **REMEA - Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, vol. 35, n. 1, 2018.

MCINTYRE, L. **Posverdad**. Madrid: Cátedra, 2018.

NAEEM, S.; BHATTI, R. “The Covid-19 ‘infodemic’: a new front for information professionals”. **Health Information and Libraries Journal**, vol. 37, n. 3, 2020.

OPAS - Organização Pan-Americana da Saúde. **Fichas Informativas COVID-19: entenda a infodemia e a desinformação na luta contra a COVID-19**. Brasília: Organização Pan-Americana da Saúde; 2020.

PIMENTEL, C. S. F. “Conectivismo”. In: MILL, D. (org.). **Dicionário crítico de educação e Tecnologias e de Educação a Distância**. Campinas: Papyrus, 2018.

PINHEIRO, M. M. K.; BRITO, V. P. “Em busca do significado da desinformação”. **Data Grama Zero**, vol. 15, n. 6, 2014.

RECUERO, R. **Desinformação, mídia social e COVID-19 no Brasil**. Relatório, resultados e estratégias de combate. Pelotas: MIDIARS, 2021.

SANTAELLA, L. **A pós-verdade é verdadeira ou falsa?** Barueri: Estação das Letras e Cores, 2019.

SANTOS, R. N. R. “A Ciência em tempos de pandemia”. **Revista Informação em Cultura**, vol. 2, n. 2, 2020.

SENHORAS, E. M. “O campo de poder das vacinas na pandemia da COVID-19”. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, vol. 6, n. 18, 2021.

VIEIRA PINTO, A. **Ciência e Existência: problemas filosóficos da pesquisa científica**. São Paulo: Paz e Terra, 1985.

WILBER, K. **Trump y la posverdad**. Barcelona: Kairós, 2018.

YAMAGUTI, B. “Deputada diz que vacina pode “afetar DNA” e é corrigida por especialistas”. **Correio Braziliense** [03/12/2020]. Disponível em: <<https://www.correiobraziliense.com.br>>. Acesso em: 30/07/2021.



BOLETIM DE CONJUNTURA (BOCA)

Ano III | Volume 7 | Nº 20 | Boa Vista | 2021

<http://www.ioles.com.br/boca>

Editor chefe:

Elói Martins Senhoras

Conselho Editorial

Antonio Ozai da Silva, Universidade Estadual de Maringá

Vitor Stuart Gabriel de Pieri, Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Charles Pennaforte, Universidade Federal de Pelotas

Elói Martins Senhoras, Universidade Federal de Roraima

Julio Burdman, Universidad de Buenos Aires, Argentina

Patrícia Nasser de Carvalho, Universidade Federal de Minas Gerais

Conselho Científico

Claudete de Castro Silva Vitte, Universidade Estadual de Campinas

Fabiano de Araújo Moreira, Universidade de São Paulo

Flávia Carolina de Resende Fagundes, Universidade Feevale

Hudson do Vale de Oliveira, Instituto Federal de Roraima

Laodicéia Amorim Weersma, Universidade de Fortaleza

Marcos Antônio Fávaro Martins, Universidade Paulista

Marcos Leandro Mondardo, Universidade Federal da Grande Dourados

Reinaldo Miranda de Sá Teles, Universidade de São Paulo

Rozane Pereira Ignácio, Universidade Estadual de Roraima